



CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASILIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIENCIAS DA SAUDE – FACS
CURSO DE PSICOLOGIA

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA FÉ

SARAH LIMA MOREIRA

Brasília – DF
Junho/2006

SARAH LIMA MOREIRA

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA FÉ

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Psicóloga pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, sob a orientação do professor Geison Isidro.

Brasília, maio de 2006

Agradeço a Deus: Razão de tudo.

Agradeço aos meus pais pelas inúmeras palavras de incentivo e amor.

Agradeço as minhas irmãs pela paciência em tantos momentos.

Agradeço aos meus amigos: quantas vezes contribuíram, mesmo não sabendo.

Agradeço a minha grande amiga Aline: sua disposição para ajudar me surpreende!

Agradeço ao professor Geison: seu conhecimento e auxílio tornaram esse trabalho possível.

RESUMO

Na linguagem comum, emprega-se o termo “fé” para diferentes situações. Para muitas pessoas hoje, não ter fé é como andar sem objetivo, no mar de dúvidas e incertezas. A fé diz respeito à ligação com os fins visados, mas não ainda experimentados. É uma força tanto particularizante quanto generalizante, sendo portanto, uma dimensão complementar da experiência humana manifestando-se em todos os âmbitos da vida da pessoa: o individual, o de grupo e o social. O termo é usado em muitas acepções que podem ser divididas em profanas e religiosas, podendo ser de três tipos: fé humana, que é construída ao longo da existência à partir de sinais de credibilidade ou desconfiança; fé religiosa (que só é possível com a existência da fé humana) que implica a ligação com um mundo divino como sendo uma esfera, clima, aura que envolve, sendo característico o “crer totalmente” mesmo que não haja nenhuma referência à um Deus; e quando significa a pessoa de Deus a fé religiosa torna-se teológica, pois existe um Deus pessoal e que se comunica com a humanidade não simplesmente por meio do cosmo e do eu, mas sim, com a pessoa de Deus por meio de palavras. Na postura behaviorista radical, a análise do comportamento permite a observação dos ajustamentos e dos estímulos que geram ou reforçam o “ter fé”, sendo que o comportamento enfatiza implicações empíricas, podendo suas suposições serem avaliadas pela sua capacidade de gerar experimentações e interpretações que subsidiem formas mais adaptadas de agirmos no mundo, sendo todas as ocorrências, relacionadas entre si. Nessa perspectiva, é possível examinar o conceito fé não somente como um assentimento subjetivo por parte de quem quer alcançar a graça desejada, mas como uma força que leva o homem à ação, à vontade de mudar. A fé toma significado quando o homem começa a dar direção às suas atitudes. Se o conteúdo de uma fé são experiências vividas pelas pessoas, esse fato permite com que a psicologia se pronuncie sobre o assunto, explorando essas vivências, e através delas, os “objetos” a que se referem.

Palavras-chave: fé, análise do comportamento, implicações empíricas, atitudes, força, vivências.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 1 |
| 1. Fé e seu papel nas diferentes religiões..... | 5 |
| 1.1 A Fé..... | 5 |
| 1.2 A Filosofia Espírita da Fé Raciocinada..... | 7 |
| 1.3 O conceito Islâmico da Fé..... | 9 |
| 1.4 A Fé Cristã..... | 10 |
| 1.5 A Fé Budista..... | 13 |
| 2. Princípios da Aprendizagem Comportamental e Aprendizagem da Fé..... | 15 |
| 2.1 Behaviorismo..... | 15 |
| 2.2 Que é Comportamento?..... | 17 |
| 2.3 Aprendizagem Comportamental da fé..... | 19 |
| 3. Variáveis Reforçadoras e Motivacionais da Fé na Igreja Batista..... | 25 |
| 3.1 Metodologia da Pesquisa..... | 25 |
| 3.2 Resultado e Discussão..... | 26 |
| 3.3 Considerações Finais..... | 30 |
| Referência Bibliográfica..... | 32 |

“Não se vive sem fé. A fé é o conhecimento do significado da vida humana. A fé é a força da vida. Se o homem vive é porque crê em alguma coisa”
Léon Tolstói

Na linguagem comum, emprega-se o termo “fé” para diversas situações. Quando se ouve alguém falar, logo se acrescenta: “cremos que ele tem razão”. Outro comenta: “creio que ele virá à reunião”. Olhando para o céu, alguém diz: “creio que vai chover”. E assim a conversa vai avançando: “você crê em OVNI? E em fantasmas?” Em discussões religiosas, imediatamente: “E em Deus, você crê?” O uso faz o significado.

O tema a ser trabalhado é a fé, fé como um ato pelo qual a pessoa se entrega numa atitude de confiança, a uma realidade ou a alguém. Três elementos constituem esse ato básico: a) um sujeito que se relaciona com um objeto; b) Um objeto (realidade ou pessoa) com que o sujeito se relaciona; e o mais importante: c) a relação se faz numa atitude de entrega, de confiança, de colocar, de certo modo, no outro o fundamento desse ato (Libânio, 2004). Uma das etimologias de “Crer” vem do latim credere, constituído de cor + dere – dar o coração a alguém. Nas antropologias tradicionais, o coração traduz a totalidade da pessoa no gesto afetivo de entrega. Aí estaria o cerne da fé.

Para muitas pessoas na sociedade hoje, não ter fé e como andar em um carro sem volante, sem objetivo, sobre o mar de dúvidas e confusões. Do latim fides, significa confiança. No dicionário Aurélio, encontra-se definições como: crença religiosa, convicção em alguém ou em alguma coisa, firmeza na execução de um compromisso, intenção e vários outros termos que pertencem ao mesmo universo semântico. O termo é usado em muitas acepções que poderiam ser divididas em profanas e religiosas. No sentido profano, significa dar crédito na existência do fato, fazer bom juízo sobre alguém, expressar sinceridade no modo de agir etc. Quando o testemunho no qual se baseia a confiança absoluta é a revelação divina, fala-se de fé no seu sentido religioso. Libânio (2004), vai além na descrição do conceito de fé, apresentando três tipos – Fé humana, Fé religiosa e Fé teológica – que serão aqui expostas para uma maior compreensão do termo.

A Fé humana é construída ao longo da existência. Há fatores psicossociais que a favorecem ou dificultam. É comum as pessoas sentirem-se divididas em graus diferentes entre a confiança e a desconfiança. O jogo de experiências, que constitui

a existência do homem, que irá ensinar sobre a dificuldade ou facilidade de discernir em quem ter fé. A fé humana implica necessariamente risco: entre a extrema credulidade e a desconfiança enrustida, aprende-se a crer nas pessoas a partir de sinais de credibilidade. Ao observá-las, detecta-se elementos que abonam ou desabonam a veracidade de suas palavras e condutas. Discernindo-os, atribui-lhes mais ou menos fé. Esses sinais de credibilidade aqui na fé humana dependem de culturas, idades, histórico existenciais, etnias etc. A vida sem esse tipo de fé é impossível. Veja: Quando se faz uma refeição, quem garante que os alimentos não estejam envenenados? Quem garante, quando se anda em um ônibus, que foi feita a revisão? Essa fé em que anonimamente se crê, que faz com que o ser humano continue vivo a cada minuto.

Conforme Segundo (1997), a fé é simplesmente uma determinada estrutura de sentido e de valores que cada um constrói para dar significação à sua existência dentro do real. Todos têm esta fé e é isso que dá sabor à existência. É a aposta de cada um, que o faz viver. Ela pode se tornar religiosa dependendo de sua intensidade, associada à totalidade e abrangência de seu envolvimento. O homem é um ser de fé e desconfiança. Mais de fé que desconfiança. Crer é estruturalmente humano.

A fé religiosa, segundo Libanio (2004), é construída sobre a base humana. Sem a fé humana, não existe possibilidade de haver a fé religiosa. Ela sai da esfera das relações humanas, e entra no campo do mistério: mistério sendo realidades criadas, mas que resistem a uma transparência total. É exatamente nesse ponto, que a fé religiosa entra em choque com a ciência. A fé religiosa implica ligar-se com o mundo divino e cuidar das coisas do culto. É a bipolaridade de dois universos existenciais: o humano e o divino, sendo o termo “divino” compreendido por duas intelecções: significa a pessoa de Deus – nesse caso a fé religiosa torna-se teologal – e exprime um clima, uma esfera, uma aura que envolve, misteriosa, não sabendo exatamente do que se trata. Nesse sentido que se enquadra a fé religiosa. A fé religiosa ancora-se na psicologia das pessoas. Respira a sacralidade do mundo e do conjunto de significação do ser. De sua concepção do mundo pensada como uma única e grande realidade. Ela é capaz de saciar a dimensão religiosa pessoal. A realidade social e cultural tem gerado tal nível de angustia, depressão, fadiga, tédio, nesse momento a fé religiosa apresenta-se como resposta, gerando alívio, consolo,

porque se confia numa realidade maior envolvente, existe um “cosmo” um “mistério” uma “esfera maior” que cobre a pessoa e a ajuda. Não raro, recorre-se a técnicas zen, hipnose, mantras, yoga, gestos e posições corporais com tomada de consciência mais clara para captar energias positivas que o ajudarão a vencer ou superar alguma dificuldade pela qual esteja passando. Portanto, a fé se torna “religiosa” quando se crê “totalmente”, mesmo que não haja nenhuma referência a uma divindade.

Na fé teologal, a pessoa se dirige explicitamente a uma Deus pessoal (theos, Deus). Ela existe no judaísmo, islamismo e cristianismo, sendo estas, as três religiões monoteístas. Existe um Deus pessoal que se comunica com a humanidade, não simplesmente por meio do cosmo e do eu (como a fé religiosa), mas sim com a pessoa de Deus que se manifesta por meio de palavras. Não se crê naqueles que transmitem tais palavras – os profetas – mas no Deus a que eles se referem como fonte da palavra.

Já se pode atestar que a fé se pronuncia ativamente sobre um sentido de vida, trazendo significados sobre o mundo, e talvez não caberia a psicologia se pronunciar sobre tal coisa, mas não estaria a psicologia perdendo alguma coisa com isso? Claro que sim! Os conteúdos de uma fé são experiências vividas pelas pessoas, e esse fato permite que a psicologia se pronuncie sobre o assunto, explorando essas vivências, e através delas, os “objetos” a que se referem. É real que a fé se refere àquilo que efetivamente anima a vida de uma pessoa ou lhe dá um sentido, e o objetivo quando temos como base da pesquisa a psicologia, é reconstruir essas relações observando todas as vertentes e o significado que elas tem para a pessoa.

É importante para o sucesso do presente trabalho, observar o conceito de fé e como ela é vivenciada em alguns segmentos religiosos, que conseqüentemente, tem suas raízes em diferentes culturas. Como é compreendido o termo “fé” no Islamismo, no Budismo, no Espiritismo e no Cristianismo? Qual a relação da Teoria do Comportamento com esse conceito tão mistificado? O que a faz sempre “viva” na vida do ser humano que possa ser explicado através de uma análise do comportamento? Quais comportamentos modelam o “ter fé”?

Mediante o que foi exposto, falar de fé, algo que acompanha o homem desde o seu nascimento, se torna tão desafiador. Dissertar sobre a fé através de uma

análise do Comportamento não é nada simples, mas enriqueceu o leitor de que a fé pode ser entendida bem mais além do que uma simples palavra. O presente trabalho enfoca principalmente as causas ambientais, culturais e históricas do indivíduo como agentes poderosos que modulam o “ter fé” permitindo sua observação, e quais comportamentos são mantenedores dessa fé, vivenciados pelo fiel no seu dia-a-dia. Para o propósito foram utilizadas bibliografias no intuito de promover um maior esclarecimento e melhor compreensão sobre o tema abordado, explorando como a fé é vivenciada em diferentes religiões, dando ênfase aos princípios comportamentais que procedem (ou precedem) o comportamento de ter fé, além de uma pesquisa de campo realizada com membros da Igreja Batista, que traz um material enriquecedor para o sucesso do trabalho, onde se é possível avaliar através de um questionário escrito, como esse conceito é entendido e vivenciado explicitando a possível existência de variáveis que atuam e modulam o comportamento do fiel.

1 - FÉ E SEU PAPEL NAS DIFERENTES RELIGIÕES

1.1 A FÉ

“Fé é o ato pelo qual se dá a toda a sua atividade sua última perspectiva. E esta fé deve integrar as lutas, os conflitos, os fracassos e guardar, em seu plano, a esperança; ela sabe manter uma unidade no ponto mais forte das oposições; sobrevive além dos fracassos” (Colomb, 1977).

A forma como esse conceito vem sendo construído historicamente, é parecida com o que aconteceu com o da religião. Conforme Amatuzzi (1999), a palavra fé, no sentido moderno, está associada a Deus e ao sobrenatural, por oposição ao que é natural e acessível à razão. Foi com o surgimento e o avanço da ciência (aqui entendida no sentido moderno do termo, associada à constituição de um profano), que a fé passou a designar a crença em coisas sobrenaturais, sagradas, fora da ciência, adquirindo então, uma conotação nitidamente conservadora. Há os que acreditam que este binômio (fé e o racionalismo da ciência) não seja conflitante e que é possível conciliar, procurando assim, a unicidade nesta relação, como por exemplo, as correntes holísticas que procuram restabelecer nexos que foram desnecessariamente rompidos, embora em níveis epistemológicos distintos. Entre os representantes mais populares dessas correntes, estão o austríaco Fritjof Capra e o médico indiano Deepak Chopra.

De qualquer maneira, a palavra “fé” não pertence ao vocabulário usual de nossa ciência, não constando da maioria dos dicionários especializados (Ex: Gauquelin, 1980; Gobbi & Missel, 1998; Rycroft, 1975; mas, por outro lado, ver Fowler, 1992; Massimi & Mahfoud, 1999; Paiva, 2001; Shafranske, 1996). “Fé” remete mais, obviamente, a um vocabulário religioso, e é empregado por adeptos, pregadores ou teólogos, e esta visão, não é uma visão unicamente do homem atual. A partir do momento que a ciência moderna, que apareceu no Ocidente no século XVII, se apoiou na observação do mundo, houve uma aparente ruptura entre aquilo que os livros sagrados diziam e aquilo que era observado na natureza. Tem-se então formados dois pólos: os que “acreditavam” na ciência (na época, a porção maior da sociedade) não podiam “ter fé”. “A luta contra a fé era porfia pela emancipação de grilhões espirituais: era uma contenda contra a expressão da fé na razão do homem e em sua capacidade para estabelecer uma ordem social

governada pelos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade. Hoje, a falta de fé é o signo de profunda confusão e desespero” (Fromm, 1944/1974, p. 170).

A fé acompanha o homem durante toda a existência. É sombra de uma luz que vem desde o nascimento. Libânio (2004) discorre que a fé planta-se na linha divisória do problema e da solução, e dá uma definição de fé como sendo um ato pelo qual a pessoa se entrega numa atitude de confiança a uma realidade ou a alguém. Tal afirmação também é feita por Jules Gritti (1978), que utiliza o termo “cultura” como sendo esta realidade citada por Libânio, e tem a fé, em suas expressões históricas, como algo não separado da condição cultural do homem, sendo a cultura, um conjunto das linguagens e idéias das práticas e dos símbolos que exprimem e modelam uma sociedade humana. Cita o “pão” e o “vinho” como um exemplo que ilustra a questão das relações entre fé e cultura tomada ao nível intelectual das linguagens. O pão e o vinho são marcados pelas tradições hebraicas. O pão evoca a vida de cada dia com suas canseiras e o compartilhar do pão, as amizades. O vinho se refere ao sangue de Cristo, e o comer, o partilhar de sua dor.

Qualquer que sejam as fontes últimas da fé de um homem ou grupo de homens é indiscutível que ela é sustentada neste mundo por formas simbólicas e arranjos sociais. A fé religiosa, mesmo quando derivada de uma fonte comum, é tanto uma força particularizante quanto generalizante, e de fato, qualquer que seja a universalidade atingida por uma dada tradição religiosa, ela surge de sua capacidade de envolver um conjunto cada vez mais amplo de concepções de vida individuais e mesmo idiossincráticas, e, de alguma forma, de sua aptidão para sustentar e elaborar todas elas (Geertz, 2004). Juan Luis Segundo (1983, 1997), um teólogo latino-americano, leva a pensar na fé remetendo-a a um sentido antropológico onde, segundo ele a fé é uma relação com o fim visado e que dinamiza todo o processo de ir em direção à ele. A fé seria, portanto, uma dimensão complementar da experiência humana, mas ela nessa dinamização em busca do fim não substitui a consideração específica dos meios. Portanto, para que a fé seja algo que “impulsione”, “viva” como uma força exercida sobre um objeto para empurrá-lo, é preciso que a pessoa olhe a realidade concreta e objetiva pela qual deve passar no dinamismo de sua ação motivada.

Nessa relação constante com a cultura em que se vive, cada um constrói os sinais de credibilidade que opera nas relações humanas. Pode-se ter uma melhor

compreensão do conceito “fé” observando essas variáveis que envolvem toda uma vida humana, e, se é verdade que a fé se origina e estabelece no mais fundo do espírito, para além dos discursos, das fórmulas que a expressam, e dela tentam “prestar contas”, é também evidente que, sendo o resultado de uma leitura histórica do Cristo, ela se elaborou e elabora humanamente, segundo o processo e as leis do conhecimento (imagens, conceitos, raciocínios), da liberdade e da efetividade humanas. Por isso, deve dizer-se deste ponto de vista, que o ato de fé tem todas as dimensões da realidade humana: ele é ao mesmo tempo, conhecimento e vontade e efetividade humanas; é simultaneamente pessoal e comunitário, é também um ato espiritual e corporal, isto é, se expressa em gestos e ritos (Colomb,1977). Diante de tais compreensões, observar como o conceito “fé” é entendido e vivenciado em alguns seguimentos religiosos trará maiores esclarecimentos e melhor compreensão deste pequeno nome, mas tão complexo em sua significação.

1.2 A FILOSOFIA ESPÍRITA DA FÉ RACIOCINADA

“Fé inabalável só é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade”

Allan Kardec

Desde o princípio, as relações entre fé e razão fazem parte do debate filosófico espírita, com a criação por Allan Kardec do conceito de fé raciocinada. Em Kardec, esse conceito é apresentado dentro de um quadro argumentativo construído para negar uma outra noção atribuída às religiões dogmáticas: a “fé cega”. Nesse sentido, a fé raciocinada seria algo próximo da “fé fundamentada”, isto é, o adjetivo referente ao raciocínio daria ao sujeito significado de um estado, e não de um processo. Ou seja, a fé raciocinada não seria propriamente uma “fé que raciocina”, e sim, uma fé que já raciocinou antes para se constituir. A fé espírita baseia-se na busca do entendimento e do discernimento. Usa a razão. A fé espírita é efeito, e não causa. O indivíduo que a possui já experienciou no passado vivências, aprendizados, etc. que hoje lhe transmitem toda uma certeza e convicção. Há uma visão global, holística das coisas. Se a nossa fé se fortalece de dia para dia, é porque compreendemos (Kardec, 1998).

Em Kardec, a fé raciocinada é a fé que permanece em constante contato com a razão, isto é, busca sempre um saber mais amplo, argumenta e se questiona. Pode-se observar como Kardec (1995) mostra a força da razão, e nas obras da Codificação, através de “O livro dos Espíritos”, prenunciando a exobiologia: “A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse os astrônomos que entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu essa lacuna?” e completa: “A razão diz que um efeito inteligente há de ter como causa uma força inteligente e os fatos não provado que essa força é capaz de entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais” (p.47).

A fé espírita é uma conquista racional. A fé sem compreensão é cega, e pode ser destruída facilmente. A fé alicerçada na razão para os espíritas é capaz de enfrentar os vendavais. Kardec (1998) mostra as distâncias entre ver e compreender: “A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender” (p.302). Por isso Kardec ao virar a página adverte: “Fé inabalável, só é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade” (p.303).

Claro que o espírita não precisa tornar-se um sábio, mas se não precisa ser sábio, também não deve ser ignorante. Então, como sustentar a sua fé? Como se crê na razão, na fase racional da evolução humana, tem-se que alicerçar a fé no conhecimento, e o mandamento é “instruí-vos”. Já é visualizado na religião espírita, a construção de Centros com capacidade para manter escolas superiores e fundar Universidades.

Em conclusão, o espírita não tem o direito de acomodar-se na poltrona da fé ingênua e simplória: seu dever é estudar a esclarecer-se quanto aos princípios da sua própria doutrina; a fé raciocinada exige o desenvolvimento das potencialidades da razão, o que só pode ser feito através da instrução; para amar e auxiliar o próximo, o espírita não pode estacionar na ignorância: precisa aprender, adquirir conhecimentos, instruir-se (Vives, 1998).

1.3 O CONCEITO ISLÂMICO DA FÉ

Ter fé no Islam é acreditar com convicção na unicidade de Deus: “La Ilaha Illal – Lahu Muhammad Rassulullah” (Não há divindade além de Deus e Muhammad é seu mensageiro). Jomier (2001), afirma que neste duplo reconhecimento, da Unicidade de Deus e do papel de porta voz da divindade, atribuída a Muhammad, está a base de tudo.

Versículo do Trono

*Deus! Não existe divindade fora d’Ele!
O Vivente, o Subsistente.
Nem o sono toma conta d’Ele, nem a sonolência.
O que os Céus e a terra contêm pertence a Ele.
Quem intercederá junto a Ele, a não ser com a permissão
d’Ele?
Ele sabe o que existe diante das suas criaturas e atrás delas,
Enquanto que elas não compreendem nada da Sua ciência,
A não ser o que Ele quer.
Seu trono abrange o céu e a terra,
Cuja conservação não lhe pesa de modo algum.
Ele é o Altíssimo, o Magnífico”*

Corão 2, 255

A aceitação ou a recusa desta expressão produz um mundo de diferença entre um homem e o outro; o crente encontra o caminho reto, descobre a verdade, o sossego íntimo e analisa tudo à luz da realidade Divina. O incrédulo vagueia consecutivamente de uma ilusão para outra e afoga-se nas trevas. Conforme Jomier (2001), torna-se cada vez mais claro que o único grande pecado é o pecado contra a fé na unicidade de Deus, declarando o Corão ser este o único pecado imperdoável.

O Corão, ou Alcorão, que significa: “o que deve ser lido”, é o livro sagrado do Islamismo, e enuncia as verdades religiosas, normas civis e sociais para a vida dos muçulmanos, sendo o principal meio de propagação da fé islâmica. O sucesso neste e no outro mundo está reservado para aqueles que aceitam as revelações de forma consciente e as aplicam na vida prática, conforme revela Jomier (2001). A fé dos muçulmanos enraíza-se em uma série de observâncias, especialmente na oração ritual e no jejum de ramadã.

A oração é um outro fator imprescindível nos ensinamentos do profeta Muhammad. Nada se reveste de tanta importância na doutrina Islâmica – depois da fé em Deus

Único Uno, da fé em seus apóstolos, na ressurreição e no dia do Juízo Final – quanto às orações. A mais prioritária obrigação do mulçumano após consolidar sua crença, é o cumprimento das orações, sendo que todas as demais obrigações vêm depois. Deve-se realizar cinco orações rituais cotidianas, repetidas duas, três ou quatro vezes.

Uma primeira análise da fé islâmica mostra que ela se caracteriza ao mesmo tempo por uma simplicidade maior e pela insistência com o qual é incessantemente lembrada aos fiéis. Seja na oração, seja na vida cotidiana, na arte, na pregação, o mulçumano devoto aproveita imediatamente toda e qualquer ocasião para falar deste dogma. Assim, o fiel não o põe mais em discussão. A sensibilidade dele foi impregnada por esse dogma, toda a sua existência está marcada por ele de maneira indelével (Jomier, 2001).

Esta é a fé teologal islâmica (Libânio, 2004). Essa fé teologal significa que ela é dirigida explicitamente à um Deus pessoal, e esse Deus se revelou interpelando o ser humano a uma acolhida revelação. O fiel deve viver ritualmente puro, e quando impuro, deve-se purificar banhando o corpo com água corrente ou lavando as mãos e o rosto. As orações acompanham-se de palavras e gestos bem definidos e fórmulas fixas. Jejum, a peregrinação a Meca, a guerra santa, também são pilares da fé islâmica.

Aceitar a unicidade de Deus é chamado de “Fé” no Islamismo. A fé no Islamismo é a base moral para todas as ações e não é uma simples afirmação dogmática da salvação. A fé guia o homem (é o volante), e quem vive a vida de submissão e obediência a Deus é conhecido como “mulçumano”.

1.4 A FÉ CRISTÃ

A fé cristã é uma completa confiança em Cristo, havendo a vontade de viver a vida que Ele aprovaria. Não é uma aceitação cega e desarrazoada, mas um sentimento baseado nos fatos da Sua vida, de Sua obra, do Seu Poder e da Sua palavra. Essa revelação é necessariamente uma antecipação da fé. A fé é descrita como uma simples, mas profunda confiança Naquele que de tal modo falou e viveu na luz, que instintivamente os Seus verdadeiros adoradores obedecem à Sua vontade, estando mesmo às escuras.

Libânio (2004) informa que o núcleo da fé cristã, em termos de ensinamento consubstanciou-se desde seu início, em formulações solenes: os credos. A estrutura da fé é trinitária, partindo da especificidade cristã – a graça de Jesus Cristo – para em seguida mencionar o Pai e o Espírito Santo. Ainda segundo Libânio (2004), na fórmula niceno – Constantinopolitana reza-se: Credo in unum Deum, Patrem Omnipotentem (“Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso”). Exatamente neste ponto que a fé cristã comunga absolutamente com a fé islâmica.

A fé cristã tem muitas dimensões, e Eliade (1999) aponta algumas delas: a) para certas confissões, o ano litúrgico é muito importante e suas datas principais são o nascimento de Cristo e a Páscoa, precedida por jejum outrora rigoroso de quarenta dias e seguida pela celebração da Ressurreição; b) a eucaristia é considerada rito instituído pelo próprio Jesus Cristo; c) a vida moral cristã é importante em todas as confissões e isso é preponderante; d) lembrar, compreender e vivenciar as verdades pregadas pelo Cristo é cultivar, desenvolver a fé, e essa é a base para uma verdadeira conversão, em uma religião onde a pregação principal é voltada para o retorno de Cristo. Conforme escreve Dhôtel (1977), seguir e obedecer aos mandamentos, é o processo necessário para a genuína conversão, e essa é a base da fé cristã. A verdadeira conversão consiste em ler o antigo testamento e imaginar aqueles que são censurados nas páginas sagradas e evitar incorrer na censura em que eles incorreram. Tomado conhecimento de tudo isso, inscrever o que se lê no coração e viver de acordo com tudo, a fim de que não seja também dado o repúdio, mas entre de posse da herança santa com o contingente salvo das nações, e então Israel poderá entrar: quando a massa das nações tiver entrado, então todo Israel será salvo e haverá um só rebanho e um só pastor (Dhôtel, 1977).

Libânio (2004) menciona que a dimensão escatológica da fé cristã conjuga o compromisso presente com a certeza da realidade para além da história num duplo movimento de continuidade e novidade. Funda-se na esperança e na certeza da realização das promessas de Deus, sempre fiel, já antecipadas na ressurreição de seu filho Jesus e que implicam nossa colaboração e responsabilidade histórica. Ninguém melhor do que Santo Agostinho pode exemplificar o conceito de fé como o faz, dando o exemplo de pessoas vítimas da depressão. Segundo Santo Agostinho parece cruel, mas é necessário entender que o paciente deprimido é uma pessoa sem fé. O deprimido “gostaria de ter fé, mas não consegue”. Fé significa

compreender guerra, e quem sofre de depressão, até deseja a paz e a felicidade que são conseqüências da fé, mas não tem vontade suficiente para empreender a batalha que essa fé exige. A fé aqui no Cristianismo, é vista como um presente de Deus, no entanto, erradamente imaginam que, como se trata de um presente, basta esperar passivamente para recebê-lo, como muitos que esperam sentados pela consolação de Deus. A fé necessariamente leva à ação, à vontade de transformar. O que falta no deprimido é justamente essa vontade. No entanto, o deprimido não é assim tão passivo. Sua atitude é uma atitude de “não-conformidade” com a situação vigente que é uma situação de superficialidade em que o mundo está mergulhado. Existe um desejo íntimo de mudança e de sentimento que a vida tem um significado, que existe algo a ser conquistado. A ausência dessa fé pode ser um convite para a morte.

Muitas das explicações cristãs à fé remetem-na a um dom de Deus, e para obtê-la, basta pedir a Ele. A fé não é causa, mas tão somente o instrumento, a estendida mão. A fé não está desvinculada da responsabilidade e do compromisso. É um dom que não se explica, mas que para ser fortalecida e vivificada, deve vir acompanhada da comunhão, busca e obediência a Deus.

A fé cristã não é um sentimento cego, nem meramente emotivo. É um ato da inteligência, mas não só da inteligência. É uma atitude da inteligência movida pela vontade. Com efeito: o objeto proposto pela fé não é evidente por si mesmo (não é claro à razão, por exemplo, que Jesus é Deus e homem). A inteligência humana tem o direito (às vezes, tem mesmo o dever) de estudar cada uma das proposições da fé: Jesus é Deus e Homem, Deus é Uno e Trino. Após estudar a documentação respectiva (ou o porquê crer), a inteligência conclui: não são proposições evidentes como “dois e dois são quatro, o todo é maior do que qualquer de suas partes” mas também não são absurdas e contraditórias como “o círculo é quadrado, o triângulo é redondo...”. Se forem evidentes por si mesmas, a inteligência estaria coagida a dizer-lhes “Sim”, como é coagida a dizer “Sim” a “dois mais dois são quatro”. Por conseguinte, feito o exame das proposições da fé, a inteligência diz ao estudioso: “Se queres, podes crer” e passa para a vontade, a decisão final – o assentimento ou a recusa. Vê-se, pois, que a fé cristã é movida pela evidencia intrínseca das proposições reveladas por Deus.

1.5 A FÉ BUDISTA

O Budismo em seu objetivo de ensinar como superar o sofrimento e atingir a nirvana (estado total de paz e plenitude) por meio da disciplina mental e de uma forma correta de vida, não impõe “Dogmas” de Fé. Com os ensinamentos budistas, a pessoa é levada a um processo de entendimento daquilo que é inteligível dentro das Leis Naturais, mas deixando claro que dentro dessas mesmas leis, há coisas que não se pode entender (como a real origem do universo) e que não adianta no momento presente apenas ficar no âmbito das suposições, porque há muitos outros problemas para resolver, de cujas resoluções, se chegará a Paz. Todo esse processo de “religação” com as forças cósmicas imensuráveis, que é chamado de autoconhecimento. Segundo Gautama (2004), os discípulos de Buda têm a fé na perfeita sabedoria de Buda. Guarda-se de toda ganância e egoísmo e praticam a caridade. Entendem a lei da causa e efeito, tendo em mente a transitoriedade da vida, e se sujeitam às normas da sabedoria.

A fé no Budismo não é cega, inconteste, imposta por dogmas, mas uma fé que se pode chamar de Racional, por que é fruto do trabalho da “mente”: é uma crença, uma filosofia, consciente de algo que se realiza, por que existem essas Leis Naturais que assim o determinam, e não haverá ninguém com força suficiente para mudar esse contexto. E se for tentada uma mudança apenas trará sofrimento. Ao contrário, havendo aceitação, surgirá a paz. Essa paz que no Budismo é chamada de Salvação.

Na longa jornada da vida humana, o budismo vê a fé como a melhor das companheiras. A fé é a mão que recebe o Dharma. O Dharma é a verdade, a essência da Iluminação e o ensinamento que a explica, e a fé é a mão que recebe todas estas virtudes. Segundo Gautama (2004), a fé é o fogo que consome todas as impurezas dos desejos mundanos, remove os mais pesados fardos, e é o guia que conduz os homens em seus bons caminhos. A fé Budista, não simplesmente impulsiona a ação. Deve ser esclarecido de imediato que a fé não pode ser explicada de maneira adequada como simples reverência a Buda, ou de alguma linha de devoção, admiração ou gratidão. A fé necessariamente implica uma decisão. Portanto, a fé Budista, acarreta no mínimo, de forma implícita, a rejeição das reivindicações de outros mestres espirituais de que eles são portadores de uma

mensagem libertadora em pé de igualdade com próprio Buda. Sendo uma decisão, a fé também implica aceitação. Aceitação dos princípios anunciados pelo Iluminado e ater-se a eles como guias confiáveis para o conhecimento e conduta.

2 - PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM COMPORTAMENTAL E APRENDIZAGEM DA FÉ

2.1 BEHAVIORISMO

É importante para uma maior contextualização do que seja uma análise do comportamento, situar o leitor sobre o histórico do surgimento do behaviorismo.

Behaviorismo é uma palavra de origem inglesa, que se refere ao estudo do comportamento: “Behavior”, em inglês. O Behaviorismo surgiu no início deste século como uma proposta para a psicologia, para tomar como seu objeto de estudo o comportamento, ele próprio, e não como indicador de alguma outra coisa ou existência de algo que se expressasse pelo ou através do comportamento. Esta proposta foi feita por Watson em 1924: estudar o comportamento por si mesmo; aderir ao evolucionismo biológico; adotar o determinismo materialístico opor-se ao mentalismo; observar consensualmente (Matos, 1995). Esse foi o Behaviorismo metodológico que se baseava no realismo tentando descrever os eventos comportamentais em termos tão mecânicos e quanto mais próximos da fisiologia, melhor (Baum, 1999).

John B. Watson poderia ser apresentado como a figura única fundadora do behaviorismo. “Watson odiava a introspecção dos experimentos ou as tentativas de fazê-la com animais que amava e, finalmente, rompeu com a tradição funcionalista que exigia essas coisas dele. Ele tornou isto claro numa famosa conferência na Universidade de Columbia em 1912 e em seu artigo de 1913, até mais famoso. Por volta de 1914 foi lançado a uma posição de liderança na psicologia americana” (Hillix e Marx, 1974, p.200).

Watson defendeu inicialmente o abandono da introspecção argumentando que a vida mental, consciência, sensações e assim em diante, não estavam levando a psicologia a lugar nenhum e devia ser abandonado provisoriamente e ser fixado o estudo somente na pesquisa comportamental até que fossem desenvolvidos métodos mais capazes de lançar alguma luz nesses processos. Os princípios comportamentais tinham que ser aplicados de um modo científico, sem referência a estados mentais, para que a psicologia pudesse avançar como ciência natural (Chiesa, 1994). Essa posição expressa por Watson foi um desenvolvimento prático

para a psicologia e sua posição foi adotada sinceramente pelos psicólogos que tentavam desenvolver métodos com um grau de controle experimental característico daqueles das ciências naturais.

Watson propôs que a mente e o corpo fossem separados minuciosamente em um programa de pesquisa pragmático (Chiesa, 1994). O que acontecia dentro do organismo, naquele tempo estava sendo necessariamente negado, um sistema separado com nenhuma relevância para o estudo do comportamento. Nesse exato ponto, a psicologia oscilava entre o estudo da vida interior, dos sentimentos, estados e em seu pólo oposto, a mensuração objetiva do comportamento observável.

O Behaviorismo Radical, desenvolvido por Burrhus F. Skinner em oposição ao behaviorismo metodológico é a base filosófica da análise do comportamento. Os behavioristas radicais vêem a ciência no contexto da tradição filosófica do pragmatismo, sendo que este contrasta com o realismo no qual a ciência consiste na descoberta da verdade sobre o universo objetivo. O mundo externo é considerado objetivo, enquanto o mundo da experiência interna é considerado subjetivo. O pragmatismo ao contrário, não faz nenhuma suposição sobre um mundo real externo, indiretamente conhecido, buscando a compreensão das experiências (Baum, 1999).

A palavra “radical” utilizada juntamente à palavra behaviorismo traz consigo seus significados: o postulado de Skinner não crê na existência de algo que escapa ao mundo físico, que não tenha uma existência identificável no espaço e no tempo (mente, consciência, cognição); e aceita integralmente todos os fenômenos comportamentais (Matos, 1995). “É importante notar que Skinner faz objeções a coisas que sejam mentais, não a coisas que sejam privadas” (Kohlenberg & Tsai, 2001, p.6), ou seja, Skinner vê os eventos privados como qualquer outro tipo de comportamento sendo a única distinção sua privacidade. Eles provêm do mesmo material dos comportamentos públicos e estão sujeitos aos mesmos estímulos discriminativos e reforçadores que afetam todos os comportamentos (Kohlenberg & Tsai, 2001).

Em síntese, o sistema Skinneriano é diferente das outras tradições nos seguintes aspectos: a) seu objeto de estudo é a relação mútua entre o comportamento e o ambiente, enfatizando o papel dos acontecimentos ambientais na modelagem e manutenção do comportamento; b) o sistema não é mecanicista e

não apela para eventos mediadores tais como as cognições ou o sistema nervoso; c) o comportamento complexo é uma função de contingências complexas, ao invés de uma função seja de reflexos adquiridos ou de estados internos do organismo; d) o sistema rejeita as interpretações dualistas dos acontecimentos privados, argumentando que a consciência dos acontecimentos privados é um produto da interação social. Para Skinner, o organismo não é nem gerente nem iniciador de ações, é o produto onde as interações Comportamento – Ambiente se dão.

A tentativa de explicar os pensamentos, sentimentos, emoções e cognições como fenômenos comportamentais e não mentais, é o que diferencia a abordagem behaviorista radical de outras versões do behaviorismo. A originalidade da análise behaviorista radical consiste em incluir os fenômenos subjetivos no campo de uma ciência do comportamento, sem utilizar uma concepção mentalista acerca do comportamento humano. Isso só se torna possível quando se passa a interpretar sentimentos como fenômenos propriamente comportamentais, isto é, como fenômenos que se caracterizam por uma relação do indivíduo com seu ambiente, especialmente seu ambiente social (Tourinho, 2001).

Muito se tem falado sobre “comportamento”, “manutenção de comportamento”, mas o que necessariamente refere-se esta palavra? Este é o assunto que será discutido no tópico a seguir.

2.2 QUE É COMPORTAMENTO?

Estudar a aprendizagem é estudar como o comportamento pode ser modificado, então se deve considerar primeiro o que é comportamento, como ele pode ser investigado e que vocabulário poderá descrevê-lo melhor.

Para De Rose (1997), de modo genérico, o termo comportamento refere-se à atividade dos organismos (animais, incluindo o homem), que mantêm intercâmbio com o ambiente. Esta atividade inclui os movimentos dos músculos estriados e dos músculos lisos, e a secreção de glândulas. Comportamento é a interação entre indivíduo e ambiente, resultante de variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais, e que permitem a análise tanto biológica (condições do corpo) como a história de vida.

O comportar-se para o behaviorismo radical é uma função biológica do organismo, como respirar, dirigir, crescer. Comportamento é ação. Comportar é uma maneira de funcionar do organismo, uma maneira interativa de ser. Interação organismo (O) – ambiente (A). O organismo não é inerte nem estável, seu processo de adaptação é contínuo. Ambiente é o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o comportar-se (contexto). Comportamento, então, é a interação entre um organismo e seu mundo histórico e imediato.

O comportamento é aquilo que se pode observar o organismo fazendo. É mais exato dizer que o comportamento é aquela parte do funcionamento de um organismo que está engajada em agir sobre ou manter intercâmbio com o mundo exterior.

(Skinner, 1938)

Em uma linguagem mais rigorosa, fala-se de comportamentos operantes e respondentes (ou reflexos). Nos comportamentos respondentes, uma resposta é eliciada, provocada por um estímulo antecedente: a comida na boca (estímulo antecedente) elicia salivação (resposta). A ocorrência desses tipos de respostas em presença desses estímulos é importante para o funcionamento e sobrevivência do organismo, constituindo parte de suas capacidades “inatas”: quando a propensão para um estímulo eliciar uma resposta é inata, denomina-se a relação entre estímulos e resposta como um reflexo incondicionado, e denomina-se o estímulo quanto à resposta como incondicionados (De Rose, 1997). O reflexo não é o estímulo nem a resposta, é a relação entre ambos (Skinner, 1999).

Estas respostas incondicionadas podem ser condicionadas, passando a ocorrer em presença de estímulos associados com os estímulos incondicionados, segundo De Rose (1997). Assim, o cheiro ou a palavra “limão” pela sua associação com o suco de limão, passam a eliciar a resposta de salivação. O processo de condicionamento é muito importante na determinação das emoções.

Nem todos os comportamentos do homem (e de outros animais) são eliciados por estímulos antecedentes. Tais comportamentos, como diz Skinner, modificam o ambiente e tais modificações no ambiente, levam, por sua vez, a modificações no comportamento subsequente. Tais comportamentos são denominados de operantes, para enfatizar que eles operam sobre o ambiente. Dirigir um carro, falar, pregar um prego são exemplos de comportamentos operantes.

Pode-se observar que explicar o que é comportamento não é tão simples, mas é de suma importância que o leitor entenda e se contextualize para uma melhor compreensão do que esta monografia se propõe a fazer: olhar o conceito de “fé” através da análise comportamental.

2.3 APRENDIZAGEM COMPORTAMENTAL DA FÉ

É importante deixar claro que não há definição satisfatória para o termo “aprendizagem”, mas ainda assim, pode-se estudar sobre, sempre que se observa como os organismos vêm a se comportar de maneiras novas (Catania, 1999). Aprendizagem significa coisas diferentes em diferentes momentos para diferentes pessoas. Poderia-se entrar com o questionamento de que a aprendizagem teria alguma base fisiológica. Naturalmente que sim e seria maravilhoso saber quais mudanças neurológicas acompanham a aprendizagem. Mas não se pode ter uma adequada neurociência da aprendizagem, a menos que compreendamos suas propriedades comportamentais (Catania, 1999). Kohlenberg & Tsai (2001) disserta também sobre tal assunto afirmando que explicações do comportamento serão incompletas se não houver a busca, tão retroativa quanto possível, de antecedentes observáveis do comportamento presente no meio ambiente.

Sempre surge algum conflito quando dois tipos de psicólogos geralmente estão interessados em diferentes questões: linguagem mental ou linguagem comportamental. Em ambos os casos, não foge o que é mais importante na observação: descrever as situações em termos de antecedentes, ou as circunstâncias que estabelecem a ocasião para o comportamento, o comportamento que ocorre nessas circunstâncias e as conseqüências do comportamento.

É bem certo que o comportamento de uma pessoa está controlado por suas histórias genética e ambiental. Para Skinner, não existe comportamento sem as circunstâncias em que ocorre. Observando o budismo, o cristianismo que são religiões e também culturas mais antigas, pode-se conhecer o foco de sua pregação: a iluminação do eu, a salvação eterna. Como se alcança tudo isso? A Bíblia, os preceitos de Buda, de Kardec, de Maomé, dão diretrizes da obediência e do que é necessário. Para quem crê, vê tais preceitos como referência e como modo de vida a ser seguido (Santo, 1998).

Capra (1975) apresenta a visão budista do homem como um eu não constante passando por experiências sucessivas. É uma visão diferente de homem encontrada em outras culturas e religiões. Esse contraste ilustra que a noção de homem, de comportamento, é propriedade de pensamento cultural de uma realidade ontológica, e que existem outros modos de falar sobre a pessoa se comportando (ou aprendendo a se comportar) além do pensamento da cultura ocidental.

O primeiro ponto que se tem a considerar para a compreensão da aprendizagem do comportamento de ter fé, ou melhor dizendo, comportamentos que “modelam” o ter fé, é que o ambiente em que o homem está inserido não consiste somente no mundo inanimado das carteiras, casas, carros, árvores, céus, mas inclui as outras pessoas que compõem o mundo da pessoa que se comporta, que são com frequência chamadas de ambiente social (Chiesa, 1994). A pessoa torna-se uma variável dependente em relação às contingências ambientais que são as variáveis independentes, com ênfase especial para as conseqüências do comportamento. Isso se dá, entre outras razões, porque o comportamento não é apenas aquilo que pode ser visto, podendo ser (normalmente é) multideterminado, complexo e também porque se considera a combinação simultânea de três níveis de relação pelas conseqüências: filogenética, ontogenética e cultural. O ser humano é locus em que se manifestam três grandes conjuntos de variáveis independentes (Skinner, 1974).

Assim, como o comportamento, a fé, segundo Jules Gritti (1978), não é algo separado da condição cultural do homem. É evidente a existência de contingências que promovem e mantêm comportamentos que são considerados mais adequados (Vandenberg, 2001). Essa relação de dependência entre eventos ambientais e ou comportamentais que Souza (1997) descreve sendo contingências.

Como citado no capítulo 1, é indiscutível que a fé é sustentada nesse mundo por formas simbólicas e arranjos sociais. O homem aprende durante toda a sua vida com extinção, reforço, punição etc. A fé não é somente um conceito, mas um poder dinâmico que leva o homem à ação.

Um conceito que aqui pode ser apreciado é o de condicionamento operante. Condicionamento é uma alteração no responder sob influência do ambiente. Condicionamento operante é o processo pelo qual uma resposta tem sua frequência alterada, devido às conseqüências passadas dessa ação. O condicionamento

operante é uma das formas mais básicas de aprendizagem que afeta virtualmente todas as formas do comportamento humano (Baldwin & Baldwin, 1986).

Os princípios do condicionamento operante podem ser expressos numa fórmula simples A – R – C onde A,R,C significam dicas antecedentes, respostas (comportamento) e conseqüências. A relação entre estes elementos é simbolizado assim: A : R → C. Dicas antecedentes vêm antes do comportamento: as conseqüências do comportamento ocorrem depois do comportamento. A flecha entre R e C indica que o comportamento causa as conseqüências (Baldwin & Baldwin,1986). Os dois pontos entre A e R indicam que as dicas antecedentes não causam o comportamento, mas estabelecem a ocasião para o comportamento. Os estímulos que antecedem não eliciam automaticamente respostas: eles estabelecem ocasião para o comportamento ocorrer.

É interessante ainda notar, segundo Baldwin & Baldwin (1986), que as conseqüências de um comportamento influenciam as freqüências futuras do comportamento e o poder das dicas antecedentes de servirem de ocasião para o comportamento ocorrer no futuro, portanto, as conseqüências (C) são as molas mestras do condicionamento operante pois elas fazem o comportamento ficar mais ou menos freqüente, e fazem os estímulos antecedentes (A) relevantes para cada comportamento se tornarem pistas que estabelecem a ocasião para se repetir ou não o comportamento no futuro (Baldwin & Baldwin,1986).

É inegável que a Bíblia, preceitos, as pregações em reuniões são estímulos para o fiel. A pregação fala que reconhecer outra pessoa além de Buda, ou quem sabe Cristo, Kardec, ou seja, quem for não é um passo glorioso para se obter o sucesso para o alcance da graça almejada, então, como resultados disso, as pessoas se tornam sensíveis aos lembretes da situação: Se a pessoa professar com fidelidade ou não a fé nos ensinamentos de tal pessoa, produzirá ou não bons ou maus efeitos, logo, o comportamento é influenciado por pistas antecedentes que o prendem quanto pelos efeitos ou conseqüências que o seguem.

São estímulos também, as conseqüências que reforçam ou punem o comportamento. As pistas antecedentes associadas com o comportamento que é reforçado ou punido se tornam preditores de quando e onde o comportamento será reforçado ou punido no futuro.

Nesse constante trabalho, o comportamento do fiel vai sendo modelado conforme é entendido como certo ou errado para os preceitos da religião. Conforme a resposta emitida pelo fiel for reforçada ou punida, haverá mudanças ao longo de uma ou mais dimensões do comportamento do organismo (Catania, 1994). A modelagem é exatamente baseada nesse reforço diferencial: em estágios sucessivos, algumas respostas são reforçadas e outras não. E também à medida que o responder se altera, os critérios para o reforço diferencial também mudam, em aproximações sucessivas da resposta a ser modelada (Catania, 1994).

Quando se reforça uma resposta e observa uma mudança na sua freqüência, pode-se relatar facilmente e em termos objetivos o que aconteceu. Explicando o que aconteceu, poderia ser feita a pergunta: Por que o reforço reforça? Segundo Catania (1994), a terminologia do reforço inclui o termo reforçador como estímulo e os termos reforçar e reforço ou reforçamento, tanto na acepção de operação quanto na de processo. Embora um reforçador seja uma espécie de estímulo, o reforço não é nem o estímulo nem a resposta. Como uma operação, o reforçamento é a apresentação de um reforçador quando uma resposta ocorre. Se a pessoa for fiel até a morte, está reservado à ele uma morada no céu. O que persiste na sua fé tem a salvação eterna.

Cada ajuntamento solene são encontros onde o pregador, o mestre, reforça as verdades pregadas, e se a pessoa aceita-as, é bem certo que receberá o prêmio final, a paz no espírito. Para que o comportamento se mantenha, fala-se de contingências que modelam tais comportamentos. Para que o comportamento persista, fala-se desses reforçadores.

E por que a pessoa se sente estimulada a persistir e crer? Baldwin & Baldwin (1986) disserta sobre tal assunto falando dos estímulos internos e externos. Os estímulos antecedentes que influenciam o comportamento podem provir de dentro ou de fora do corpo, e os de fora podem ser detectados pelos cinco sentidos. Ver, ouvir, acrescenta estímulos externos que podem ser conseqüentes para respostas reflexas condicionadas e estímulos discriminativos. O fiel aprende a responder a tais estímulos como dicas para um dado comportamento.

Outra forma de entender o comportamento aprendido é estudando o comportamento regido por regras que controlam as execuções e que descrevem contingências, ou seja, que regulam e discriminam os comportamentos apropriados

(Caballo, 1996). As regras logicamente são dadas como um produto cultural de forma que já dispõe, perante muitas situações problemáticas, de pistas verbais referentes a atuar convenientemente. Ter fé, desenvolver fé, e manter essa fé, é viver ritualmente segundo ordena seu dogma. O fiel Islâmico deve viver puro, e quando impuro, deve-se purificar com água corrente. Deve-se orar de duas a quatro vezes ao dia. A fé Cristã como todas as outras estudadas, não a desvincula da responsabilidade e do compromisso. É comum ouvir de alguém: “tenho fé que vou passar em um concurso público!”. A pessoa que realmente almeja alcançar tal objetivo, não se acomoda, mas logo procura meios para que esse objetivo seja alcançado: inscreve-se em um cursinho, estuda em casa, e isso constantemente é reforçado.

A fé budista, já implica na rejeição de outros preceitos se não forem aqueles a qual Buda deixou. Conforme atesta (Caballo,1996), a qualidade funcional da regra vem conferida por ser parte de um conjunto de contingências de reforçamento de onde brota com uma entidade objetiva. As contingências já possuem um significado construído historicamente, isto é, já dizem por si próprias, de forma que a palavra mistura-se com os outros ingredientes de uma circunstância que não é a palavra.

Muitos podem ainda estar se questionando os porquês de tantas pessoas se “submeterem” a situações consideradas “absurdas” por professarem sua fé, como o islamismo onde seus seguidores não temem a morte em nome de Alá, ou de cristãos que vêem o dízimo como o bem mais valioso. De Grandpre (2000) ressalta sobre essa aquisição de significados ser possível através da experiência da pessoa no mundo, a qual tem uma qualidade contingente, possibilitada por estruturas de superfície e por estruturas extensivas. As estruturas de superfície referem-se às esferas da atividade onde a pessoa tem uma experiência limitada ou participa de modo desmotivado. As estruturas extensivas referem-se às experiências prolongadas, geradoras de capacidades comportamentais, além de outras experiências e compreensões qualitativamente diferentes. Por sempre estarem ligadas à situações e práticas sociais, estão permanentemente se modificando. A pessoa atua no mundo, e esse responde, estabelecendo-se aí um processo interativo que cria significados para episódios comportamentais numa temporalidade distendida.

DeGrandpre (2000) ainda acrescenta que quanto mais experiência a pessoa acumula, mais provável é sua familiaridade com a situação. Como consequência, os significados organizam o senso de realidade através do movimento da pessoa nos contextos familiares; orientam as ações no mundo, ou seja, faz acreditar que, obedecer à palavra pregada, segui-la, faz com que ela esteja mais próxima da salvação tão almejada, e isso não é vivenciado pelo fiel como algo penoso. Esse mundo de significação é constantemente produzido, e antecipam de modo consciente, outros significados que são, ao mesmo tempo, definidos pela experiência passada. Como na vida diária, o caminho da fé tem como via descritiva e explanatória o reforçamento, construindo constantemente a dialética do significado.

Portanto, um evento comportamental é o produto conjunto da história anterior de reforçamento do sujeito, embutidas de propriedades públicas e privadas da ação que definem as mudanças produzidas pela emissão de respostas, entendendo aqui o reforçamento, como qualquer estímulo que aumenta a probabilidade de resposta. Assim, com base em tudo o que foi explanado, a pessoa torna-se uma variável dependente em relação às contingências ambientais (que são as variáveis independentes) que seleciona grandes classes de comportamento. A fé não é um produto isolado, mas é construída ao longo da história e na história do próprio indivíduo.

3 - VARIÁVEIS REFORÇADORAS E MOTIVACIONAIS DA FÉ NA IGREJA BATISTA

Através dessa Pesquisa, procura-se conhecer o significado que o fiel dá à fé diante do conteúdo vinculado pela Igreja Batista à respeito de tal tema. Desta maneira, buscou-se investigar as influências que a Igreja exerce na maneira como compreendem o tema, objetivando-se também, detectar estratégias de convencimento utilizadas pela igreja para inculcação de conteúdos religiosos relacionados à fé.

3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o propósito foi utilizado o método baseado nas recomendações de aplicação da etnometologia em Psicologia: Observação participante (Garfinkel, 1967). A observação participante consistiu na coleta de dados através da participação da observadora na vida do grupo em suas reuniões, tendo como dados a serem observados as formas que as pessoas utilizam para dar sentido, e as variáveis ambientais que servem como motivadores e influenciadores para as ações do fiel no dia-a-dia. Nessa técnica, a observadora faz parte do contexto, estabelecendo certa relação com os observados. Essa proposta visa através da observação atenciosa e análise dos processos, pôr em evidência as lógicas de proceder pelas quais os membros da Igreja Batista interpretam a realidade ali exposta.

A pesquisadora participou de dois cultos e mais uma atividade chamada de “torre de oração”. Na condição de participante, foi procurado registrar falas e comportamentos das pessoas. Cuidados éticos foram tomados somente sendo registradas no presente trabalho, exposições de participantes que quiseram colaborar de maneira voluntária.

Procurou-se analisar os dados a partir da proposta de Sato & Sousa (2001), que parte da idéia de que se faz necessário complementar a informação de campo com aquela relativa a outras ordens sociais e buscar interpretações e explicações à partir de elementos externos a situação particular.

3.2 RESULTADO E DISCUSSÃO

Significado da fé como uma relação com o Espírito Santo

Na Igreja Batista como em qualquer outra denominação Cristã, sem a fé, é impossível agradar à Deus, portanto, a fé é resultado de como se dá a relação do fiel com o Espírito Santo. Assim, se a pessoa em meio às suas lutas e dificuldades não se intimidar mas “avançar não murmurando”, é sinal de que ela crê que Deus a tem sustentado. Sinaliza que ela está “vivendo pela fé”.

“Quem tem fé não reclama, mão murmura, não retrocede. Avança crendo que será vencedor! Quem murmura não alcança. Tem que ser grato para ser vencedor” (Fiel)

Assim, a relação com o Espírito Santo propicia a vida de vitória do crente. É importante ressaltar que essa “adesão” do homem ao pensamento religioso (ou espiritual) é resultado de um processo poderia-se dizer, religioso. A cultura humana e o contexto social remetem o homem a um mundo de angústias, medos, inseguranças. O pregador faz este mesmo homem compreender que pode-se eliminar essa angústia existencial com a adesão a fé que convenha.

O “Espírito Santo” segundo Buber (1982) nesse contexto, representa reação. Frente a essas contingências ambientais, o “Espírito” é o agente capaz de fazer o homem sair de si e transcender-se, confiado que pode encontrar em si mesmo sua verdadeira motivação.

É interessante notar no discurso do fiel sobre um comportamento que pode ser prejudicial à conquista da graça futura, expressada como “reclamação”, “murmuração”. De Grandpre (2000) cita que um reforçador ou agente punitivo não afeta o comportamento precedente, porém, modifica o significado do estímulo contextual saliente oportunizando momento e significação às futuras ações, ou seja, o reforçamento especifica um dado significado a qual orienta o comportamento e dinamiza a experiência. Só se alcança a graça se o fiel não murmurar. O modo como a pessoa experiencia o processo de alcançar a graça desejada dá direção às conseqüências futuras e automaticamente altera suas ações.

Nessa situação, é passível também de observação o poder do reforçador para a manutenção do comportamento de não murmurar. “Quem não murmura será vencedor”. Quando um fiel é convidado a ir à frente de reunião para testemunhar,

relata as inúmeras dificuldades que está enfrentando, mas que “não importa, persistirá vivendo e dando graças”, logo é acompanhado por “Améns” da congregação e palavras de incentivo por parte da liderança: “continue assim, Deus te honrará”. Essa atenção de alguém que poderá com certa probabilidade reforçar - irmão, pastor, alguém que se ama – é chamado por Sidman (2003) de reforçador generalizado. Para um reforçador ser generalizado, que é um tipo de estímulo reforçador secundário que se relaciona com palavras como “está certo”, “isto mesmo! Continue assim”, são emitidos quando o comportamento apropriado for emitido. Portanto, qualquer sinal de aprovação torna-se por si próprio, reforçador.

É importante frisar, conforme atesta Sidman (2003) que elogios, sorrisos, sinais de aprovação tornam-se reforçadores apenas depois que se tenha experienciado resultados mais sólidos a que tais elogios levam. É comum, fiéis, após o testemunho de alguém, dizerem com orgulho “como a irmã “fulana” é abençoada por que ela sabe esperar em Deus”. As recompensas a própria igreja e Deus se encarregam de dar: normalmente ela se torna responsável pelo departamento de oração da igreja, pelas campanhas, como prêmios pela vida de compromisso e testemunho.

A fé como resultado de busca

Um dos cultos é intitulado como “Culto da Vitória”. É a reunião onde toda solenidade, desde os introdutores (que recebem a membresia e visitantes na porta com um sorriso no rosto e deliberam a frase “aqui sua fé pode te levar à alcançar todas as coisas em Deus”), até o pastor, perpassam mensagens de otimismo, de força, de “tudo podes em Deus”.

Após a introdução dos membros no templo, é realizada uma oração e leituras bíblicas que remetem à curas realizadas por Jesus através da fé de quem carecia da cura. É citado um trecho que fala de um rei que para obter a cura que desejava, primeiramente devia se molhar 7 vezes em um rio sujo, e só à partir da obediência que ele seria curado. Ele obedeceu e foi curado. É frisado pelo pastor sobre Deus fazer a parte Dele e o homem fazer a sua parte. Logo, ouve-se uma senhora aparentando ter uns 54 anos dizer em alta voz “é verdade Senhor”, seguido de muitos améns.

Muito mais do que simplesmente “palavras”, o “falar” é um comportamento. Baum (1999) o categoriza como um tipo de comportamento operante, pertencente à categoria mais ampla que poderia ser chamada de “comunicação”. Esse termo é utilizado quando um padrão fixo de ação gera estímulos auditivos e visuais que afetam o comportamento dos outros, entretanto, só é comportamento verbal dependendo de suas conseqüências. A pronúncia da frase pela senhora é um comportamento verbal, pois houve um reforçador: a aprovação da platéia ali presente. Baum (1999) define essa outra pessoa que reforça o comportamento verbal do falante de ouvinte.

Na Igreja Batista, é costume tirar um período do culto para que o membro conte seu testemunho. Logo após o convite do Pastor para que algum irmão vá a frente contar a sua benção, ergue-se uma mulher aparentando ter aproximadamente 30 anos e relata o porquê de sua presença ali:

“Sempre tive muita dificuldade em minha vida devido ao meu problema de vista. Sempre tive muito medo de tentar coisas novas e não conseguir. Chegou um momento em que um emprego era primordial para mim por conta da minha medicação que era muito cara. Eu orei, falei para o Senhor que queria passar no concurso da Fundação Educacional para poder dar aulas e assim, suprir minhas necessidades. Eu ali, constantemente orando, logo providenciei um cursinho preparatório, comprei os livros e comecei à estudar! Todos amigos meu que iam tentar já estavam estudando e eu não poderia desistir! Para a honra e glória do Senhor eu fui aprovada! Deus me colocou ali! Por isso sou grata à Ele por tudo!
(M D, 32 anos)

Esse outro testemunho é exemplo de comportamento verbal. Baum (1999) afirma que as ações como ouvintes, provêm reforços para as verbalizações dos falantes a volta. Frases como “amém”, “é verdade Senhor”, ou “aleluias” sempre quando o pastor fala algo, são reforçadores para o comportamento verbal do falante. Como qualquer outro comportamento operante, as verbalizações exigem apenas reforço intermitente para ser mantido, mas de forma geral, o comportamento verbal é extremamente persistente e isso pôde ser claramente observado nas reuniões realizadas pela Igreja Batista.

O Caminho da fé: Orações, leituras da Bíblia, Campanhas e Dízimos

Muitas idéias veiculadas pela Igreja Batista sobre a fé está intrinsecamente ligada á maneira como o fiel age no seu dia-a-dia. Quem tem fé descansa em Deus, não anda “atribulado”. Mas para realmente ter esse descanso é necessário praticar verdadeiros rituais que fortalecerão a sua fé. Skinner (1980) afirma que argumentos lógicos para a existência de Deus, podem produzir regras para governar o comportamento religioso, mas o comportamento místico é modulado por eventos que testemunham a presença imediata de Deus. As contingências que envolvem a vida do fiel, já tem suas razões por si só. Seguir certos “ritos” por parte do fiel, não é penoso, afinal, esse é o caminho pelo qual poderá alcançar o que almeja. É importante ressaltar que o contexto ambiental, a cultura e costumes de um grupo ou sociedade, definirão quais comportamentos são adequados e quais não são. As circunstâncias definem o comportamento que deve acontecer.

É interessante notar o papel do pastor: a ele é dado o nome de “Anjo da Igreja”. A lógica é de que Jesus é o anjo supremo, e dá sentido de que o Pastor, colocado por Deus na direção da Igreja, é o representante de Jesus e fala em nome deste.

As torres de orações são dias tirados pela igreja (um sábado por mês), onde a membresia, divididos em grupos conforme a primeira letra do nome, orem a cada hora pedindo a Deus para que “fortalece a fé de seus filhos”. Se a graça não foi alcançada ou demora, é porque Deus quer que espere ou não era da sua vontade. Mas o fiel deve persistir em viver uma vida “reta”, em obediência a Deus.

A obtenção da graça está diretamente ligada subordinação do fiel às normas da igreja. Ele deve participar dos cultos, ter sua devocional todos os dias, dizimando, lendo a bíblia, jejuando, vigiando na conduta e acima de tudo, ter determinação. Essa determinação implica todos esses aspectos citados acima referentes ao seguimento de algumas regras.

Page e Neuringer (1985) salientaram o fato de que muitas instituições punem a variabilidade comportamental. Além de a variabilidade comportamental ser punida, pode haver a possibilidade de as pessoas serem reforçadas inúmeras vezes por agirem apenas de um determinado modo. Exatamente nesse ponto, pode-se fazer um paralelo com o que Baum (1999) escreveu sobre controle por regras, dizendo

que sempre que o comportamento for resultado do seguimento de instruções ou conselhos, e este for freqüentemente reforçado, favorecerá essa restrição comportamental.

Se o fiel obteve alguma graça, é por que foi a vontade de Deus. Se não, é por que Deus tem propósito em tudo. Se talvez o desejo do crente era a cura de uma doença, e tal cura não veio acarretando a morte, todos ainda assim, ficarão felizes pois essa foi a vontade de Deus, e a pessoa morreu mas foi “com Cristo”. Portanto, o reforço de “persistir na fé” pode ter sido produzido diretamente pela contingência, como quando seguir um conselho “dá certo” ou apenas pelo fato de ter seguido o conselho ou a instrução que é exemplificada quando a mãe parabeniza uma filha por ter feito o que lhe disse para fazer (Nico, 1999). A pessoa fortemente reforçada por seguir instruções pode apresentar um sistema de respostas rígido e com pouca variabilidade comportamental.

Considerações finais

Os Grandes problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorar a compreensão do comportamento humano. Desde que a análise do comportamento enfatiza implicações empíricas, suas suposições podem também ser avaliadas pela sua capacidade em gerar experimentações e interpretações que subsidiem formas mais adaptadas de agirmos no mundo.

O verdadeiro conceito de fé, ao contrário do que a maioria pensa, não é apenas um assentimento subjetivo e tampouco uma atitude psicológica. É antes de tudo, um poder dinâmico em todos os aspectos do ser humano. Uma psicologia que não chegasse aí estaria ainda distante de seu objetivo que é o ser humano.

Para entender como a fé atua no indivíduo, é importante estar atento aos eventos ambientais, estímulos, eventos do organismo, respostas, não como eventos isolados e em sua forma “crua” como apresenta os cientistas, mas investigando as relações funcionais, regularidades entre classes de eventos observáveis, variáveis dependentes etc. A psicologia assim definiu-se basicamente pela sua preocupação com explicações a respeito do que as pessoas fazem e do por que delas agirem, evitando assim, conflitos que tem surgido com relação às razões subjacentes às ações.

É enfatizado também, o papel desempenhado pela linguagem na vida cotidiana: reforços que não apenas fortalecem o comportamento, mas dão à ele direção, formando e sustentando sua topografia.

O discurso da Igreja Batista fornece sentido, orienta e ajuda as pessoas a resolverem seus problemas e contornarem suas aflições através da fé diária. Percebe-se que a fé firmada em Deus “tudo pode”, no entanto, é limitada pelo livre-arbítrio que deixa uma parcela de responsabilidade para aquele que deseja alcançar a graça desejada. Assim, analisados os resultados da pesquisa, ter fé é muito mais que simplesmente “crer” em alguma coisa ou esperar algo passivamente, mas aderir a um sistema simbólico onde valores são perpassados, condutas e formas de comportamento, estilo de vida e de visão do mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Amatuzzi, M. M. (1999). Religião e sentido de vida: Um estudo teórico. Temas em Psicologia da SBP.
- Baldwin, J. D. e Baldwin, J. I. (1986). Behavior principles in every day life. Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.
- Baum, V. (1999). Compreender o Behaviorismo – Ciência Comportamento e Cultura. Porto Alegre: Artmed.
- Buber, M. (1982). Do diálogo e do dialógico. São Paulo: Perspectiva.
- Caballo, V. E. (1996). Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento. São Paulo: Santos.
- Capra, F. (1975). O Tao da Física. São Paulo: Cultrix
- Catania, A. C. (1999). Thorndike's legacy: Learning, selection, and the law of effect. Journal of the Experimental Analysis of Behavior.
- Chiesa, M. (1994). Radical behaviorism : The Philosophi and the science. Boston, Aut hors Cooperative
- Colomb, J. (1977). O devir da fé. São Paulo: Paulinas.
- De Grandpre (2000). A science of meaning: can behaviorism bring meaning to psychological science? American Psychologist.
- De Rose, J. C. (1997). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais. Em R. A. Banaco (Org). Sobre Comportamento e Cognição. Vol 1. Santo André: Arbytes.
- Dhôtel, J. C. (1977). A Conversão ao Evangelho. São Paulo: Paulinas.
- Eliade, M. (1999). Dicionário das Religiões. São Paulo: Martins Fontes.
- Fares, Mohamad Ahmad Abou Fares. Islamismo: Mandamentos. Fundamentos.
- Fromm, E. (1974). Análise do Homem (9º ed.). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1944).
- Garfinkel, H. (1967). Studies in Ethnomethodology. Cambridge, UK: Polity Press.
- Gautama, S. (2004). A Doutrina de Buda. São Paulo: Martin Claret.

- Geertz, C. (2004). Observando o Islã. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gritti, J. (1978). Expressão da fé nas culturas humanas. São Paulo: Paulinas.
- Jomier, J. (2001). Islamismo: história e doutrina. Rio de Janeiro: Vozes.
- Kardec, A. (1998). O livro dos Médiuns (62ª ed.). Rio de Janeiro: FEB
- Kardec, A. (1995). O livro dos Espíritos (76ª ed.). Rio de Janeiro: FEB
- Kardec, A. (1998). O Evangelho segundo o Espiritismo (114ª ed.). Rio de Janeiro: FEB
- Kolenberg, R. & Tsai, M. (2001). Psicoterapia Analítico - Funcional. Santo André: Esetec.
- Libânio, J. B. (2004). Fé. Rio de Janeiro: Zahar
- Marx, M. H. & Hillux, W. A. (1974). Sistemas e Teorias em Psicologia. São paulo: Cultrix.
- Matos, M. A. (1995). Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical. In Rangé, B. (Org.) Psicologia Comportamental e Cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas. Campinas: Psy.
- Neves, D. P. (1984). As Curas Milagrosas e a Idealização da Ordem Social. Niterói: UFF.
- Nico Y. (1999). Regras e insensibilidade: conceitos básicos, algumas considerações teóricas e empíricas. Em Kerbay, R. R. e Wielenska, R. C. (Org.) Sobre Comportamento e Cognição (Vol. 4), Cap. 4. São Paulo: Arbytes.
- Page e Neuringer, A. (1985). Variability is na operant. Journal of Experimental Psychology: Animal Behavior Processes, 11, 429-452.
- Santo, M. E. (1998). Emergência do indivíduo na sociedade pós-moderna. O individualismo religioso. Coord. Núcleo de Psicologia Transpessoal. Vivência do Sagrado. Lisboa: Hungin.
- Sato, L. & Souza, M. P. R. Contribuindo para Desvendar a Complexidade do Cotidiano Através da Pesquisa etnográfica em Psicologia. Psicologia USP, 12 (2). Versão eletrônica acessando em www.scielo.br
- Segundo, J. L. (1997). A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: Dos sinóticos a Paulo (M. F. de Queiroz, Trad.). São Paulo: Paulus. (Original publicado em 1991).

- Sidman, M. (2003). Coerção e suas implicações. Campinas: Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (1938). The Behavior of organisms: an analysis. New York: Appleton Century Co.
- Skinner, B. F. (1974). Sobre o Behaviorismo. New York: Alfred A. Knopf .
- Skinner, B. F. (1999). The concept of the reflex in the description of behavior. Em B. F. Skinner (Org.), Cumulative record (pp. 475-503). Massachusetts: Copley Publishing Group. (Originalmente publicado em 1931).
- Tourinho, E. Z. (2001). Eventos Privados: o que, como e por que estudar. In Kerbaury, R. R. & Wielenska, R. C. (Org.). Sobre Comportamento e Cognição. Psicologia Comportamental Cognitiva: da reflexão teórica à diversidade na aplicação. Vol IV. Santo André: Esetec.
- Vives, M. (1998). O tesouro dos Espíritas. Rio de Janeiro: Edicel